

María José Tíscar

A CONTRA-REVOLUÇÃO NO 25 DE ABRIL

Os "Relatórios António Graça"
sobre o ELP e AGINTER PRESSE

Prefácio de Raimundo Narciso



Edições Colibri

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	9
AGRADECIMENTOS	15
ANTÓNIO GRAÇA. BREVE HISTÓRIA DE UM HOMEM COMPROMETIDO COM A LIBERDADE	17
ABREVIATURAS	21
INTRODUÇÃO.....	25

CAPÍTULO I

RENASCIMENTO E EXPANSÃO MUNDIAL DAS ORGANIZAÇÕES ANTICOMUNISTAS.....	35
As bases do neofascismo francês e a perda da Indochina e da Argélia	36
O neofascismo belga e a independência do Congo	40
O reviver do nunca falecido fascismo italiano e a hipótese do PCI no governo	42
A Cruzada Branca Mundial: uma frente de monárquicos, fascistas e liberais contra o comunismo	43
O Pan-europeísmo de extrema-direita	45
O neofascismo na América Latina.....	51
O nascimento do neofascismo espanhol na plenitude do Franquismo	53

CAPÍTULO II	
O CONTEXTO INTERNACIONAL EM 1966,	
A FUNDAÇÃO DA TRICONTINENTAL E A CRIAÇÃO DE OT-OACI	
E <i>AGINTER PRESSE</i> EM LISBOA	57

CAPÍTULO III	
OT, OACI E <i>AGINTER PRESSE</i> . TRÊS RAMOS	
DA MESMA ÁRVORE	69
A fundação de OT-OACI	70
A crise das informações nas colónias e a criação da <i>Aginter Presse</i> .	
A “Operação Leste” e a “Operação Zona Leste”	78
Os Fracassos Operacionais da <i>Aginter Presse</i> em África	90
Operações no Congo-Léopoldville: “Operação Lucifer”	90
Operações no Congo-Brazzaville: “Plano COST”, “Operação COBE” e “Operação Tornade”	93
Operações na Guiné-Conacri: “Operação Chèvre”	100
O ocaso da <i>Aginter Presse</i> de Lisboa	100
As crescentes desconfianças sobre a ação da <i>Aginter Presse</i>	105
A <i>Aginter Presse</i> após o 25 de Abril. Espanha, Argélia e Itália	109

CAPÍTULO IV	
O DESMANTELAMENTO DAS ESTRUTURAS POLÍCIAIS	
DO ESTADO NOVO E A DESCOBERTA	
DA <i>AGINTER PRESSE</i> EM LISBOA	113
A tomada do Forte de Caxias	119
A criação do Serviço de Extinção da PIDE/DGS e da Legião Portuguesa	122
As buscas à <i>Aginter Presse</i>	133
As pesquisas sobre o assassinato do general Humberto Delgado.....	138
Os documentos da PIDE/DGS nas Colónias	141
As Informações no pós 25 de Abril	143
A Secção de Apoio, os SACR e o SDCI	146

CAPÍTULO V

A ORIGEM DOS “RELATÓRIOS ANTÓNIO GRAÇA” E O INÍCIO DA CONTRARREVOLUÇÃO ORGANIZADA	151
Nascimento das organizações contrarrevolucionárias	154
Fevereiro de 1975, reuniões em Espanha: Verín e Salamanca.....	164
A “estratégia da tensão” aplicada a Portugal.....	167
Os “Relatórios António Graça”	174
As bases em Espanha de apoio à contrarrevolução	175

CAPÍTULO VI

MEMBROS E COLABORADORES DE <i>OT-OACI</i> <i>E AGINTER PRESSE</i>	191
Os “oficiais operacionais”	191
Os colaboradores de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i>	208
Rede de contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i>	210
Rede de contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i> em Portugal.....	211
Rede de contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i> em Espanha	212
Redes de contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i> na Alemanha Federal	215
Redes de contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i> na Suíça	216
Redes de contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i> na Bélgica.....	216
Redes de contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i> na França	217
Redes de contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i> nos Estados Unidos	217
Mercenários que participaram em operações onde colaborava a <i>Aginter Presse</i>	218
Contactos de <i>OT-OACI-Aginter Presse</i> não comprovados ou dos que não se conhece actividade na organização	221
FONTES E BIBLIOGRAFIA	223
ANEXO DOCUMENTAL	229

PREFÁCIO

A historiadora Maria José Tíscar oferece nesta obra de investigação uma excelente oportunidade para conhecermos os movimentos e as organizações subterrâneas da extrema-direita nacional em articulação com as suas congéneres internacionais que, desesperadamente, se ergueram para combater a revolução portuguesa iniciada com o levantamento militar de 25 de Abril de 1974, bem como para se oporem à subsequente descolonização em África.

Ao derrubar a ditadura fascista mais antiga da Europa a revolução portuguesa de 1974, que se anunciou ao mundo como a revolução dos cravos, veio a revelar que chegara ao fim o tempo das ditaduras que ainda nela subsistiam. Chegara a hora de os povos da Grécia e de Espanha porem fim, eles também, à “ditadura dos coronéis” e à ditadura franquista. E a hora em breve chegou. Uns meses depois, ainda em 1974, na sequência do conflito com a Turquia em torno de Chipre, a Grécia, berço da civilização europeia, pôs fim à “ditadura dos coronéis” que vinha de 1967 e um ano e meio depois, em 1976, foi a vez de a pátria de Cervantes e de Lorca, acabar com a ditadura de Franco, velha de 40 anos, na sequência da morte do “caudilho”.

Há quase meio século que a grande maioria dos Portugueses vivia subjugada por um regime que em parte se inspirava no fascismo de Mussolini e se irmanara com o grande desígnio do “Nacional Socialismo” de Hitler de esmagar a União Soviética e exterminar o comunismo no mundo.

A ditadura de Salazar, depois continuada por Marcelo Caetano, tinha porém um pilar ideológico fundamental, a Igreja Católica, dirigida pelo Cardeal Cerejeira, um amigo e aliado de Salazar desde os tempos da juventude, em que ambos frequentaram o seminário.

O regime salazarista representava os interesses de uma minoria de grandes latifundiários, industriais e banqueiros. Para o seu enriquecimento submetia a maioria do povo a uma exploração inaudita a quem oferecia como horizonte cultural “saber ler, escrever e contar” e como guia espiritual a consigna de “Deus, Pátria e Família”.

A esta situação respondia a luta de democratas, de estudantes, de intelectuais e do proletariado na qual sobressaía o papel do partido comu-

nista que ilegalizado e perseguido soubera resistir e organizar-se na clandestinidade. Para a defesa dos privilégios daquela minoria, a ditadura impôs violentas restrições à liberdade e recorria a todo o tipo de perseguições, prisão e tortura sistemática aos presos políticos. Para neutralizar o descontentamento das populações mais sacrificadas, nas regiões onde a influência da Igreja era dominante, a ditadura socorria-se do apoio de muitos párocos de aldeia, que nas missas exaltavam a santidade de Salazar e o perigo do comunismo.

Os quarenta e oito anos da ditadura salazarista deixaram um país subdesenvolvido, na cauda da Europa, em que o analfabetismo estava ao nível do que existia nos países do centro e norte do continente no fim do século XIX. Os últimos 13 anos que foram de guerras coloniais deixaram um país traumatizado pelas guerras em África.

Mal se iniciou o processo democrático de desmantelamento das estruturas do autointitulado Estado Novo e da instituição de um regime democrático logo se multiplicaram os movimentos e organizações das forças derrotadas, financiadas pela clique milionária arredada do poder, para sabotar o processo democrático.

Ex-pides, ex-legionários, ex-governantes, lacaios e filhos das famílias donas do país que lhes fugia das mãos, estabeleciam os seus estados-maiores em Espanha, onde contavam com o apoio do franquismo e de organizações da extrema-direita internacional. São estes movimentos e organizações secretas objeto central desta obra de Maria José Tíscar Santiago.

Neste seu trabalho a autora oferece-nos a palpitante paisagem destas organizações em ação, Exército de Libertação de Portugal (ELP), Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), Movimento Maria da Fonte e outras, internacionais, que se ocultavam sob o disfarce de sociedades comerciais ou jornalísticas, como era o caso da *Aginter Presse*.

Esta investigação não se limita, no entanto, ao estudo das movimentações contrarrevolucionárias em Portugal. Ela contextualiza-as e integra-as na atividade de uma multiplicidade de organizações da extrema direita e revela-nos a sua articulação episódica ou permanente com diferentes serviços de informação governamentais, na lógica da guerra fria e para a intervenção neocolonial em África.

Na nova ordem política mundial resultante da vitória dos aliados na 2.^a Guerra Mundial, marcada pela emergência das duas superpotências, EUA e URSS, as ditaduras fascistas portuguesa e espanhola foram toleradas pelo Ocidente, como parceiros, ainda que incómodos e inconfessados, na luta global entre capitalismo e socialismo marcado pela guerra fria até à implosão da União Soviética, nos anos 80/90 do século XX.

Com a derrota do Eixo na 2.^a Guerra Mundial, não desapareceram os fascistas alemães, italianos, franceses, e de todos os cantos do mundo nem a sua determinação em se reorganizarem. Tinham na Europa duas bases e apoios da maior importância, Portugal e Espanha. Desta “mão de obra” desempregada que sobejara da 2.^a Guerra Mundial e das guerras posteriormente perdidas pelos EUA no Vietnã e pela França na Argélia se ocupa a autora deste estudo. São militares profissionais desmobilizados, mercenários, terroristas, aventureiros dispostos a tudo, atuando em Portugal e em África e noutras partes do mundo.

Os movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas, Angola, Guiné e Moçambique, com as lutas de libertação que desencadearam a partir de 1961, foram um aliado precioso dos portugueses que lutavam para pôr fim à ditadura. A ditadura portuguesa acabaria por ter um fim, mas as guerras de libertação das colónias portuguesas anteciparam-no.

A necessidade de aumentar rapidamente o número de oficiais para enquadrar o povo fardado empurrado para as guerras obrigou o regime a mobilizar milhares de estudantes universitários e licenciados que levaram para o convívio com os oficiais do quadro permanente a experiência de luta do pujante movimento estudantil antifascista.

Este contacto, a par da realidade de uma guerra em África sem fim à vista e cada vez mais condenada internacionalmente, constituiu uma importante escola política para um grande número de oficiais dos quadros permanentes das forças armadas portuguesas que, fartos da guerra, haveriam de derrubar o regime fascista que lhes impunha.

O descontentamento mobilizador inicial entre a maior parte da oficialidade de baixa patente era corporativo mas, desde início, alguns oficiais dos mais ativos, tinham já uma forte consciencialização política que lhes permitiu encaminhar a ação do movimento dos capitães no sentido democrático e progressista. Se é certo que as movimentações iniciais e maioritariamente se localizam no Exército é sem dúvida na Marinha que o núcleo dirigente do movimento encontra o maior número de oficiais politizados e de esquerda e que acabarão por ter um papel muito relevante nas alterações políticas que se seguiram ao levantamento militar.

O processo político desencadeado pelo levantamento militar de 25 de Abril de 1974 ganhou um carácter revolucionário porque foi seguido e apoiado imediatamente por um pujante movimento popular centrado nas regiões mais consciencializadas politicamente da grande Lisboa, Setúbal e Porto e nas regiões de latifúndio do Alentejo e Ribatejo onde predominava o proletariado industrial e agrícola e a influência do Partido Comunista Português (PCP).

A revolução portuguesa, com um início incipiente e cauteloso, a partir de 25 de Abril de 1974 ganhou rapidamente força e foi impulsionada em dois momentos – 28 de Setembro de 1974 e em 11 de Março de 1975 – marcados por tentativas derrotadas do general Spínola e do seu grupo de militares conservadores para inverter o processo popular e democrático.

Se a História do processo político, social e económico que vai de 25 de Abril de 1974 a 25 de Novembro de 1975 é de um modo geral bem conhecida já o mesmo não sucede com as movimentações clandestinas das forças remanescentes do regime derrotado.

Ora um dos grandes méritos desta obra de investigação de Maria José Tíscar é revelar-nos com factos e nomes este rio subterrâneo e oculto da contrarrevolução em Portugal que, perseverantemente, se opõe a transformações sociais mais profundas e constitui fator importante para a criação de condições à posterior agregação e vitória em 25 de Novembro de 1975, de um conjunto de forças, política e ideologicamente muito diverso, que associa os sectores mais retrógrados e extremistas da sociedade até forças como o PS e parte importante do próprio Movimento das Forças Armadas.

Os extremistas do ELP e do MDLP e outros, assaltam e incendiam sedes de partidos de esquerda e de sindicatos, cortam estradas, assassinaam pessoas e criam um ambiente de medo, particularmente entre a maioria da população do Norte e centro do país, onde se mantinha a influência muito conservadora da Igreja e dos caciques locais salazaristas. Foi este o caldo de cultura propício a confrontações políticas crescentes envolvendo militares do Movimento das Forças Armadas e que acabaria por dar origem ao golpe militar do 25 de Novembro, desencadeado a partir do Regimento de Comandos da Amadora reforçado com importante força de ex-comandos, mobilizados à pressa, que pôs um travão às grandes transformações sociais em curso e criaria as condições para a reversão de muitas delas já realizadas.

Maria José Tíscar oferece-nos assim uma excelente oportunidade para reavaliarmos os acontecimentos que marcaram o fim da ditadura portuguesa e o dia a dia do processo revolucionário que transformou Portugal em 1974/75 assim como a descolonização nas antigas colónias portuguesas.

Atualmente Portugal passa por uma situação de grave crise, de cruel empobrecimento, de brutal taxa de desemprego, de dramática emigração em massa de jovens licenciados e com preparação científica e técnica que tanta falta farão ao país. A política seguida em consonância e emulação com o fundamentalismo neoliberal, dominante na União Europeia, hegemónizada pela Alemanha, está a destruir metodicamente, como uma desforra, as conquistas sociais que vêm desde 1974/75.